



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## EDUCOMUNICAÇÃO:

### Rádio na escola como promotor do ensino<sup>1</sup>

**Pâmela Andrade de Moraes<sup>2</sup>**

**Vera Lucia Spacil Raddatz<sup>3</sup>**

Houve um tempo que a educação na sala de aula era apenas entre um professor detentor de grande parte das informações e alunos ávidos a adquirir essas informações. Com o passar dos anos e com as inovações tecnológicas, tudo mudou, principalmente as metodologias de ensinar e de aprender, assim como, o modo como as crianças se comportam também foi alterado. Este texto discute a proposta do Projeto Rádio na Escola, analisando como as práticas educacionais podem contribuir para que estudantes e professores de escolas públicas compreendam os processos de comunicação e de transformação tecnológica. E como essas práticas são importantes para o desenvolvimento da cidadania e da percepção crítica do papel que cada um exerce dentro da sociedade.

**Palavras-chave:** Comunicação, Educação, Rádio Escola e Consumo.

#### Introdução

O presente texto analisa as transformações sociais com aporte de autores importantes na área da educação, comunicação e educacional. Na busca por compreender as transformações dentro da sala de aula, ocasionadas pelo advento das tecnologias. Desse modo foi proposto a realização de uma pesquisa qualitativa com educandários que participaram ou participam do Projeto Rádio na Escola. A metodologia utilizada foi o *focus group*, com análise de conteúdo.

As inovações tecnológicas trouxeram grandes mudanças, por vezes comparáveis às produzidas pela Revolução Industrial, com grande influência nas relações de comunicação na sociedade, com impactos marcantes nos setores de serviço, ao informatizar os processos, possibilitando aumento do consumo, fatores que oportunizaram novos modelos de interação social. Isso naturalmente significa ausência da presença física para trocar informações, sendo necessário somente um aparelho eletrônico para efetivar o processo de comunicação.

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao GT Comunicação, Educação e Consumo no COMUNICON 2018.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Noroeste do Rio Grande do Sul. Email: pamela.andrade.moraes@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação. Professora do Curso de Comunicação Social e Mestrado em Direitos Humanos da Unijuí. E-mail: verar@unijui.edu.br.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Bauman (2011) corrobora essa matriz de pensamento ao trabalhar a sociedade “líquida”. O uso do termo “líquido” é um entendimento que permite verificar a metáfora da vida atual, pois demonstra que nossas relações contemporâneas são fluidas, maleáveis, e sem centro de gravidade, com dificuldade de prever ou conter. Significa que, com o afastamento da “modernidade sólida”, ocorre o afastamento da organização em sua forma mais burocrática.

Para Bauman (2001), se, por um lado, a burocracia tem aspectos claramente negativos, como, por exemplo, a falta de espontaneidade que acarreta a perda de criatividade; por outro lado, ela é altamente efetiva no cumprimento de tarefas que demandam metas. Na opinião de Martha Gabriel (2013), o professor deve deixar de ser um informador para ser um formador; caso contrário, o uso da tecnologia terá apenas aparência de modernidade.

Segundo Martín-Barbero (2014), esse novo contexto desenvolvido pela tecnologia e pela mídia apresenta uma nova cidadania: um novo homem, com fortes influências oportunizadas pelo mundo digital, um ser com novas necessidades que, no entender do autor, desafia o papel da aprendizagem, da formação, da educação e do uso de bens, das tecnologias em sala de aula, indicando um novo aporte para a comunidade escolar, uma nova forma de aprendizagem.

Esses pesquisadores colaboram com Paulo Freire, que já em 1981 afirmava que desenvolver uma consciência crítica, que propicie ao homem transformar sua realidade, se faz cada vez mais urgente. Por isso, a formação de ambientes desafiadores e criativos para os jovens “abre caminhos e possibilidades para que se desenvolvam” (GABRIEL, 2013, p. 110).

Com relação ao papel da comunicação, Martín-Barbero (2014) a situa como uma área mais que temática, mas articuladora e estratégica, decisiva, pelas inovações na infraestrutura tecnológica global. Assim, insere o termo “incomunicação”, período em que se instalam dependências culturais, uma cultura do silêncio, refletida na conformação do pensamento e comportamento dos latino-americanos, reforçado pela cultura, religião, educação e pelos meios de comunicação, que controlam de forma sutil a palavra.

Em resposta a esse movimento, busca-se um “verdadeiro diálogo com a linguagem, como um lugar de encontro e de mediação entre mundos, e onde a palavra seja voz do próprio eu, de suas experiências, repleta de símbolos, que refletem o social” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 228).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## Comunicação, Educação e Cidadania

Ao verificar os avanços tecnológicos, ao olhar para o ambiente escolar, constata-se também um novo perfil de estudantes, que manifestam seus descontentamentos e suas alegrias nas redes sociais *online*, reduzindo o estoque negativo da democracia e conquistando novos espaços no ensino e aprendizagem. No entendimento de Soares (2011, p. 16),

O discurso sobre a educação que a define como base da construção da democracia moderna e do progresso dos povos está sendo substituído pelo discurso sobre a excelência e a irreversibilidade da informação. Em outros termos, há uma valorização social do mundo da comunicação e uma negação do mundo da educação tradicional.

É importante destacar que os elementos teóricos destas duas vertentes, educação e comunicação, podem ser analisados conjuntamente, para buscar a compreensão desse relacionamento, um recente campo de conhecimento, denominado educomunicação. Conforme explicam Citelli e Costa (2011, p. 8), é um conceito que “sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel de centralidade da comunicação”.

Constata-se que os estudos de Paulo Freire, na década de 1960, no Brasil, já buscavam fortalecer o desenvolvimento do processo de comunicação e ampliar o diálogo social. Para o autor, a educação é um processo coletivo de aprendizado, no qual os sujeitos interagem, expressam seus pontos de vista, e buscam a resolução de problemas, na dialogicidade dos saberes. Esse é o espaço em que a educação e a comunicação são indispensáveis à vida em comunidade, tendo presente os avanços tecnológicos que, por vezes, desafiam a escolarização humanizada e o protagonismo do cidadão, fragilizando o desenvolvimento das competências, entre as quais a liderança, a cooperação, a reflexão crítica e a esperança por dias melhores.

Deve-se ter presente, portanto, que a escola necessita fortalecer a cultura participativa e deliberativa de suas comunidades. São jovens, adultos, de diferentes origens, educados por variados costumes, com singulares formas de aprendizado que, reunidos em um mesmo local, necessitam de



oportunidades para exercitar relacionamentos diversos por meio de variados modelos de comunicação e de educação.

No ambiente escolar, os jovens podem agregar conhecimento aos seus. Podem, também, trocar conhecimentos com os educadores. Freire (1993) questionava esse aspecto com a seguinte indagação:

- De onde parte o conhecimento que esperamos construir na sala de aula? E o próprio autor respondia:

É preciso que o (a) educando (a) saiba que o “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando. Mesmo que o sonho do (a) educando (a) seja não somente tornar o seu “aqui-agora”, o seu saber, acessível ao educando, mas ir mais além de seu “aqui-agora” com ele ou compreender, feliz, que o educando ultrapasse o “aqui”, para que este sonho se realize tem que partir do “aqui” do estudante e não do seu. (...) isto significa, em última análise, que não é possível ao educador (a) desconhecer, subestimar ou negar os “saberes de experiência feitos” com que os educandos chegam à escola (FREIRE, 1993, p. 39).

As relações escolares entrelaçam saberes, que devem ultrapassar o domínio exclusivo do professor, do diretor ou de determinado grupo, mas que incorporam um processo de cooperação, troca e argumentação entre todos os integrantes da comunidade.

É importante destacar que, a partir da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, a escola deixa de ser a fonte privilegiada das informações, mas torna-se a fonte que detém credibilidade para validar os conteúdos. O trabalho educomunicativo busca colocar o aluno no centro dos debates, e fazê-lo produzir subsídios que contribuam com as discussões de variados temas, que a escola proporcione ao jovem estudante o esclarecimento de questões presentes na mídia, na comunidade, na própria família. O processo de educação atualmente não ocorre somente dentro da sala de aula, mas é nela que o conhecimento precisa ser moldado para a reflexão crítica.

Os modelos tradicionais de educação com que ainda se convive estão classificados por três eixos na visão de Citelli (2004): hierarquia, coerção e exclusão. Continuando a seguir esses princípios, o educador será levado e não levará à formação cidadã competente. O professor ainda é uma autoridade detentora de poder e passível de punir, mas é preciso questionar: - Afinal, que educação é essa, que se dá na base do medo de ser reprovado, no medo de errar ao afirmar suas posições? A educação não se cumpre no ordenar e fazer, mas no acompanhamento, na orientação, e na comunicação.

Quando o professor se torna um libertador do processo de ensino e aprendizagem consegue assumir um direcionamento eficiente para educar, não será autoritário e nem sem responsabilidade. Uma aula libertadora “ilumina a realidade”, conforme palavras de Freire (2000, p. 204). A aula



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

libertadora estimula o educando a desvendar a manipulação real e os mitos da sociedade. E nesse “desvendamento” muda-se a compreensão da realidade, e nossa percepção.

Na realidade atual, ainda há distanciamento entre as necessidades e interesses dos alunos e a ação desenvolvida pela escola. Estudantes que nasceram na era digital, conhecidos como geração y<sup>4</sup>, ingressam na escola com uma grande bagagem de informações, pois, desde o nascimento, são conectados aos mais diversos aparelhos eletrônicos. Esses equipamentos realizam múltiplas conexões e apontam, assim, a interação que proporcionam como mediadores dos relacionamentos. Na sala de aula não é diferente, quando se destaca a importância da inserção de ferramentas midiáticas no contexto escolar, fica claro que “deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258).

Esses alunos apresentam novas necessidades, instigadas pela cultura moderna. Mesmo assim, os conteúdos programáticos de disciplinas como História, Geografia e Matemática, dentre outras, precisam ser aprendidos. Mas, em especial, precisam compreender como esses conteúdos são aproveitados em suas relações sociais, e como as áreas se interligam, e isso é possível com auxílio de mecanismos tecnológicos.

Para isso, o educador precisa atualizar-se, e talvez a palavra aos professores seja *planejamento*. É preciso planejar aulas envolventes, apresentando os conteúdos e as informações de forma que oportunizem a reflexão, a participação, o questionamento e, por fim, o entendimento. O educador deve prestar atenção ao fato de que a transformação não é direcionada apenas às mudanças de métodos de ensino ou de técnicas, mas deve ocorrer no relacionamento, na humanização do conhecimento, na promoção dos vínculos e no emprego da cidadania.

Para Kaplún (1998), comunicação não pode ser percebida como mero instrumento midiático e tecnológico, mas, antes de tudo, como um componente pedagógico “enquanto interdisciplina e campo de conhecimento para a comunicação educativa, entendida desse modo, convergem uma leitura da pedagogia a partir da comunicação e uma leitura da comunicação a partir da pedagogia” (p. 69).

---

<sup>4</sup> Também chamada geração do milênio ou geração da internet. O termo "millennial" foi criado pelo historiador e economista norte-americano Neil Howe nos anos 1990. Fazia menção à geração nascida a partir do início dos anos 80.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

É importante que se estabeleça a interface, pois “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (KAPLÚN, 1997, p. 81). Portanto, a tecnologia, com suas ferramentas da comunicação, pode auxiliar no desenvolvimento comunicacional mais humanizado, mas para isso, “é necessário não menosprezar a atitude inovadora daqueles que, como as crianças, ainda se admiram que as coisas sejam como são, em vez de fingir que espantoso seria se não fossem assim” (CORTELLA, 2015, p.18).

Nesse momento de consumo acelerado, em que os valores são dissolvidos com rapidez e naturalidade, a proposta educomunicativa é de formação humana, pensamento crítico e aprimoramento da consciência de vida coletiva, afinal, a educomunicação não diz respeito à educação formal nem é sinônimo de Tecnologias da Educação (TE), ou mesmo de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). No entanto, “a escola se apresenta como um espaço privilegiado de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção desse conceito” (SOARES, 2011, p. 17). Em relação às tecnologias, o importante não é a ferramenta disponibilizada, “mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos” (SOARES, 2011, p. 17).

A cada nova ferramenta midiática desenvolvida e apresentada ao mercado cria-se uma nova forma de comunicação e de relacionamento coletivo. O que cabe à Educomunicação é a preparar e orientar para a atuação nestes novos meios. Na escola educomunicativa, professor, aluno e direção são transformados em escritores, distribuidores, radialistas, repórteres, e transitam por processos de comunicação, acompanhados de conteúdos importantes para a formação humana. O educando, assim como os educadores, são protagonistas do processo, parte do contexto. Mas também cabe salientar, conforme defende Citelli (2000), que as novas mídias não devem simplesmente ser sacramentadas como excelentes ferramentas, mas analisadas dentro de um contexto social e incorporadas à medida que sua necessidade é notada.

Martín-Barbero (2011) sintetiza em três os objetivos e o papel da escola na atualidade, destacando a postura crítica que os educandários devem desenvolver. O primeiro é a formação de recursos humanos, a fim de incluir na educação as novas linguagens e saberes que envolvem as novas tecnologias. O segundo objetivo é a construção cidadã, a partir da formação de sujeitos críticos e questionadores. O terceiro é o desenvolvimento humano autônomo, “gente livre”:



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

[...] gente livre significa gente capaz de saber ler a publicidade e entender para que serve e não gente que deixa massagear o próprio cérebro; gente que seja capaz de distanciar-se da arte que está na moda, dos livros que estão na moda; gente que pense com a própria cabeça e não com as ideias que circulam ao seu redor (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 134).

“Sem comunicação não há educação” declara Fígaro (2010, p. 7). Para isso, ela se baseia no estudo de recepção, e diagnostica que educação pressupõe interação, ou seja, a posição de emissor, dono dos saberes, e a de espectador, mero ouvinte, fundem-se em uma dinâmica de interatividade. Ainda, segundo o autor, não se trata de transmitir conhecimento, mas construí-lo em parceria.

Não são os meios, por si, que vão conduzir essa atuação reflexiva, promotora da cidadania. Mas, a partir deles, é que a conversa começa, se aprofunda, estrutura laços, escancara defeitos e desenvolve novas políticas e ações em prol da sensibilização para a importância da educação como ligação primordial ao desenvolvimento das comunidades.

### **Rádio: uma proposta educomunicativa e sua metodologia**

O Projeto Rádio na Escola tem a pretensão de preparar estudantes e professores de escolas públicas e afins para compreender os processos de comunicação e de transformação tecnológica na sociedade. Em execução desde 2008, foi criado por iniciativa de uma professora do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, com a denominação de Projeto “Rádio na Escola”, atualizado em 2013 para “Rádio, Tecnologias e Empreendedorismo na Escola”, procurando atender às demandas do momento e a integração com outros cursos da instituição.

Como fundamentação teórica, o projeto se baseia nos estudos de Educomunicação e, como perspectiva, o exercício da cidadania, considerando o contexto de acesso à informação e também ao conhecimento. As atividades do projeto se desenvolvem por meio da implantação de uma rádio interna, da formulação de um plano de estudo e aplicabilidade do uso de tecnologias e da execução de ações empreendedoras nas rotinas das escolas. O próprio projeto destaca que:

A partir do próprio contexto escolar e do plano de trabalho proposto, os participantes devem sentir-se aptos a usar a comunicação e as tecnologias de modo eficiente e responsável, transformando os processos de sua rotina em atitudes empreendedoras. Espera-se que sejam capazes de trabalhar e criar em grupo, planejar, negociar, sugerir, propor, empreender, liderar,



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

avaliar e comunicar com clareza suas ideias. Rádio, Tecnologias e Empreendedorismo na Escola (2016, p. 1).

Conforme destaca Raddatz (2011, p. 87), “o rádio é o meio de comunicação que mais desenvolve a oralidade e que possui maior semelhança com a linguagem cotidiana. Isso facilita qualquer tentativa de implantação de uma rádio dentro de escolas públicas”. O projeto “Rádio, Tecnologias e Empreendedorismo na Escola” é desenvolvido pelo Curso de Comunicação Social da Unijuí, tem o apoio das 32ª e 36ª Coordenadorias Regionais de Educação, assim como da Rádio Educativa UNIJUI/FM.

Em relação a metodologia da pesquisa realizada junto às escolas que receberam o projeto, a mesma foi possível de forma exploratória e qualitativa, sendo: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental. Para Minayo (2016), o ciclo de pesquisa não se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimento e gera indagações novas.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores e alunos das escolas que constituíram desde 2008 rádios escolares dentro de seus espaços no noroeste gaúcho, assim, referem-se a 20 escolas, as quais se inseriram nesse projeto de 2008 a 2015.

As entrevistas em grupo ocorreram por meio de um encontro entre pesquisadores e os jovens que atualmente organizam e administram a rádio escolar, com quatro meninos e quatro meninas em cada grupo de entrevistas. A idade dos jovens participantes da pesquisa foi de 14 a 17 anos. A idade dos jovens que participam da rádio escolar é justificada pelo próprio projeto que, em sua fase inicial, destacou a importância de disponibilizar as atividades aos estudantes do primeiro e segundo ano do ensino médio, como forma de que estes tenham um tempo antes de sair da escola para ensinar outros jovens e, assim, manter o projeto em andamento.

Os professores que responderam os questionários das escolas, ainda com atividades da rádio escolar, foram selecionados aleatoriamente pelas pesquisadoras, assim: dois professores de cada escola, preferencialmente os que não faziam parte do grupo que organiza as atividades do projeto, na busca de outra visão deste por integrantes do educandário. Os questionários enviados às escolas que inauguraram rádios, mas não seguem no projeto em andamento foram direcionados à direção escolar.

Para definição do universo a ser pesquisado, utilizaram-se as cidades que aderiram ao projeto da Unijuí entre os anos de 2008 a 2015. Essas localidades do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

foram Ijuí, Panambi, Augusto Pestana, São Luiz Gonzaga e Catuípe. A ligação entre as cidades ocorre pela própria Unijuí, instituição que reúne estudantes que se deslocam diariamente de municípios distantes de até 200 km em busca do ensino superior. A amostra final refere-se, portanto, a 20 escolas, 29 professores e 40 adolescentes, estudantes de escola da rede pública.

### **Ações e percepções sobre a relação entre a educomunicação e a cidadania**

Esse trabalho coletivo desenvolvido pela rádio da escola oportuniza o desenvolvimento de redes, trocas de informações e novas formas de acesso, construção e compartilhamento de conhecimento. No momento que um jovem afirma que não se imagina sair do projeto e deixar de fazer rádio, é porque o princípio dialógico da proposta cumpre-se e confirma-se a expressão de (LÉVY, 2003, p. 28) que “o saber está na humanidade e todos podem distribuir conhecimento”. Assim, quando o autor registrou suas reflexões sobre “inteligência coletiva”, o mundo estava se desvinculando da identificação de pessoas devido a suas visões políticas.

Nesse contexto, Lévy (2003) ressalta a importância de existirem outras possibilidades de inserção dos indivíduos em comunidades que não sejam caracterizadas por identidades étnicas, nacionais ou religiosas, mas por aproximação solidária de convivência e aprendizado, como é o caso da rádio no espaço escolar.

Esse novo caminho é a construção do laço social baseado no saber. Para Levy (2003, p. 32), “o núcleo da engenharia do laço social é a economia das qualidades humanas”. Assim, o que reuniria os indivíduos não seria mais a pertença a um lugar ou a uma ideologia, mas as capacidades de compartilhamento dos saberes individuais, uma vez que as identidades passariam a ser identidades do saber (LÉVY, 2003).

Isso fica evidente quando os jovens declaram mobilização para construção de uma entrevista, no enfrentamento do medo de falar em público com aporte dos colegas, entre detalhes de produção e informação na escola. Isso ocorre também no momento em que, mesmo não se conhecendo antes dessa atividade de grupo, precisam trabalhar em conjunto para formar a programação.

O saber não é o saber científico, mas o saber coextensivo à vida, diretamente relacionado aos conceitos *savoir-vivre* ou *vivre-savoir*, que quer dizer “saber viver” e “viver saber”, respectivamente



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

(LÉVY, 2003). Na totalidade, os jovens responderam que gostam de fazer rádio em sua escola e essa atuação refletiu-se no desempenho escolar de cada um. Todos tiveram progresso no desempenho escolar, depois da participação do projeto, seja de *regular* para *bom*, ou de *bom* para *ótimo*. E isso demonstra que, quando se faz aquilo de que se gosta, os resultados são diferentes.

Não é o rádio em si o transformador, mas por meio deste mecanismo são oportunizadas novas experiências, novos olhares e busca de sentido sobre o que cada um tem para contribuir na sociedade. A formação do cidadão começa neste despertar de novos horizontes, de entender como por meio de um equipamento eletrônico é possível transmitir as ideias de cada ser. Aos que estão participando do processo como ouvintes, o elemento principal é a imaginação. Como ouvintes, existe a possibilidade de apropriação da mensagem transmitida por seus colegas, e a recepção dela oportuniza um novo processo, que é a reelaboração do que foi recebido, a causa final, a reflexão.

É importante a análise do jovem, também como narrador, e do rádio, como mediador. Nessa situação, ocorre um trabalho de desvendamento no campo social do que ocorre, do que é dito na rádio e de como será absorvido, como declara Martín-Barbero (2001, p. 23) “do lado da enunciação, a experiência do narrador se faz presente”, é o “lado corporal da arte de narrar”.

Corpo que, neste caso, é voz que carrega o relato de efeitos sensoriais “e explora, a partir daí, desde o tom ao ritmo – que acelera, retarda, emudece, altera, grita, sussurra, o universo das emoções. Do lado do enunciado é a interpelação à experiência das pessoas que escutam: aproximando o estranho do cotidiano, descobrindo-o entre suas dobras” (MARTÍN-BARBERO, p. 317). O ouvinte compreende a mensagem, pois seu cotidiano é próximo de quem a transmite, a fala jovem assemelha-se a sua relação juvenil, tornando narrativas eficientes e comprometidas com o meio em que estão inseridas, oportunizando troca, diálogo e interesse sobre os mais variados temas, com reflexos no desempenho escolar e no fortalecimento de identidade.

A comunicação é um componente do processo comunicativo “não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Na perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo” (SOARES, 2000, p. 20).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Os novos modelos de comunicação colocam uma proposta ao sistema educativo que é trabalhar o desafio da diversificação e difusão dos conteúdos em novas formas para condução da escolaridade juvenil. Diante deste cenário, Citelli (2011, p. 63) identifica como um problema central a formação docente para esse trabalho educ comunicativo, uma vez que “os docentes continuam sendo o grande agente mediador dos nexos com os discentes”. Ao longo dessa análise resiste uma desgastada imagem do professor, o qual não sabe mediar debates com aporte dessas novas tecnologias da educação, ou que não possui interesse em fazê-lo ou, até mesmo, que somente o faz por receber mais por isso.

Não se começa o desenvolvimento pelo fim, no caso da educ comunicação, pelos alunos. Antes disso, existe um caminho muito denso a ser percorrido, e a hipótese a que se chega nesse momento é de que a partida para um ensino educ comunicativo eficiente está na formação dos professores. O método de Paulo Freire (2000) que busca a libertação do oprimido, não é a libertação somente do educando, é também de educadores. Professores que necessitam ser tocados no sentido de humanização de suas percepções, que diariamente conversam com jovens, e precisam ouvi-los de forma a compreender suas inquietações, saber suas formas de comunicação e linguagem. Ambos, educador e educando, precisam de condições de “re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra” (FREIRE, 2000, p. 07).

O Projeto Rádio, Tecnologias e Empreendedorismo na Escola propicia não somente a relação educação e comunicação, em um fazer educ comunicativo, mas também a reflexão sobre a vida em sociedade, os direitos e deveres de cada pessoa, e a troca de experiências de cada indivíduo para constituição da cidadania plena. Kaplún (1998) destaca a necessidade do afastamento da óptica puramente instrumental da tecnologia comunicativa e informativa. Isso significa que o professor deve perceber as tecnologias da educação não como objetos, mas como facilitadores do diálogo e da interação, promovendo o “agir educ comunicativo” e convertendo a comunicação, não apenas como um instrumento, mas como base do processo de educação.

A Educação deve operar na construção da sensibilidade crítica e, nesse momento, o rádio, vídeo, fotografia, dentre outros recursos, ingressam como agentes capazes de despertar nos jovens o exercício de criticidade em relação aos fatos do cotidiano, ressignificando a relação entre Educação e Comunicação e apontando para a formação de uma educação cidadã emancipatória, que terá reflexos no desenvolvimento regional.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Toda essa nova moldagem da educação percorre um princípio básico na vida em grupo, que é a união para provocação do debate, da análise e – por que não? – da busca comum para resolução de um problema social, o que vai ao encontro da ideia de uma tecnologia a serviço do bem comum. É preciso pensar a tecnologia como aliada no processo Comunicação/Educação no desenvolvimento progressivo da sociedade, no combate às desigualdades sociais, percebida como componente de mudança, deixando essa visão turva de que o novo assusta e pode prejudicar.

## Conclusões

Há tempos se fala em “crise da educação”. Educadores, gestores e sociedade repetem incansavelmente essa frase, o que impõe refletir sobre essa crise e se ela, de fato, existe de uma forma inacabada, ou se são crises diferentes em tempos singulares. Ao realizar esta pesquisa, ouvindo educadores e educandos na perspectiva da comunicação, acredita-se que a grande crise, ou as crises na educação, são reflexos da falta de uma mudança dialógica na forma como são tratados os processos de ensinar e aprender, os quais ainda não acompanham as mudanças da sociedade, agora mais tecnológica.

As escolas participantes do Projeto Rádio, Tecnologias e Empreendedorismo na Escola, no período de 2008 a 2015, foram analisadas, e seus professores, questionados; e grupos de estudantes, visitados, na busca de resultados dessa proposta educomunicativa na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa demonstra que não são os alunos que participam da rádio escolar ou os que a acompanham que necessitam de atenção, pois já praticam o diálogo, a troca de experiências e o trabalho em comunidade.

O enfrentamento nesse momento é com os professores. Eles é que necessitam da percepção da mídia, da comunicação e da tecnologia como componente importante do ensinar e, também, de aprender. E, nessa situação, começam as discussões sobre os atuais e os vindouros paradigmas da educação em seu confronto/associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor/instrutor nessa revolução tecnológica.

Ao realizarem a produção de uma entrevista ou reportagem para a rádio da escola, os estudantes conhecem outras vivências, aprendem conteúdos, conversam com pessoas de idades diferentes,



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

compreendem os pais, ampliam a visão de mundo e criam desejos para o futuro. São desafiados a produzir vídeos, fotografias, expressar sentimentos, e percebem como são importantes na vida de sua família, escola e comunidade.

De acordo com os resultados obtidos, parece que a grande barreira é transportar esse método para o outro lado da conversa. A conversa com quem não nasceu conectado, formado na educação bancária, isto é, o professor. Este opinou de forma diferente da dos jovens durante a pesquisa, e apontou desafios para projetos educacionais. Desafios como falta de horas para os professores atuarem nessa atividade, necessidade de recursos para efetivação dos meios de comunicação no espaço escolar, e pouco interesse dos professores em ampliarem esse projeto para as aulas. Na amorosidade de cada envolvido no ensinar e aprender é que vamos conseguir formar a cidadania plena.

A relevância desta pesquisa demonstra que nem toda modernização é desenvolvimento, assim como o contrário, conforme Freire (2002). O projeto de comunicação conversa, de maneira efetiva, com os alunos, mas precisa conversar também com os professores. Somente com um diálogo próximo ocorre a troca de saberes, e a libertação dos oprimidos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Trad. de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

CITELLI, Adilson. Meios de comunicação e práticas escolares. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/ECA/USP, v. 6, n. 17, p. 30-36, jan./abr. 2000.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Senac, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Texto Argumentativo**. São Paulo: SCIPIONE, 2004

CITELLI, A.; COSTA, M. C. C. (Orgs). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, Convivência e Ética**. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

FÍGARO, Roseli. Comunicação/educação: campo de resignificação das tecnologias. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/ECA/USP, v. 15, n. 3, p. 07-16, set./dez. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

\_\_\_\_\_. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GABRIEL, Martha. **Educ@r – A (r) evolução digital na educação.** Ed Saraiva, 2013

KAPLÚN, Mario. **De médios y fines em comunicación educativa.** Chasqui, R. L. C (58). Quito, junho de 1997.

\_\_\_\_\_. **Comunicacion entre grupos: el método del Cassete-Foro.** Buenos Aires: Humanitas, [s.d.]. 1998.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação.** In: CITELLI, A.O; COSTA, M.C.C. (Orgs.). **Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **A comunicação na Educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Relações Públicas no Terceiro Setor: tipologia da comunicação e conceitos de públicos.** In: Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2007. CD Rom.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Projeto rádio na escola: uma prática educomunicativa. **Revista Conhecimento Online**, Ano 3, Vol. 1, Março de 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação e Educação**. n. 10. São Paulo. 2000.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação:** contribuições para a reforma o ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.